

TEILHARD DE CHARDIN: UM MÍSTICO EM COMUNHÃO COM O UNIVERSO.¹

*Maria Clara Lucchetti Bingemer**

*Teóloga e escritora.

Resumo:

O artigo apresenta uma leitura do pensamento de Teilhard de Chardin a partir da América Latina. Mostra que o consumismo enquanto característica da pós-modernidade atinge o desejo mais profundo do homem e da mulher ao banalizar o que mais os humaniza: a sensibilidade pelos que padecem a pobreza e a harmonia em relação aos cosmos e a terra. Diante do risco à vida e ao futuro do planeta, é examinada a mística bíblica como mistério de comunhão com o universo e de sintonia com o Criador. Ao analisar alguns textos de Teilhard de Chardin, a autora procura no seu pensamento sobre o cosmos e a natureza inspiração para a teologia latino-americana.

Palavras - chaves: Teilhard de Chardin; América Latina; Teologia: Criação, Ecologia; Mística: Asceticismo, Comunhão, Universo.

Abstract:

The article presents a reading of Teilhard de Chardin's thought from Latin America point of view. Consumerism is a feature of post-modernity and reaches the deepest desire of man and woman, so it banalizes what is the very core of human being: the sensibility for those who suffer from poverty and disharmony in relation to the cosmos and

¹ Artigo faz parte do mutirão 2015 das revistas latino-americanas de Teologia, iniciativa da Comissão Teológica latino-americana da ASETT/EATWOT.

the earth. The risk to life and to the future of the Planet is examined on biblical mystique terms as mystery of communion with the universe and harmony with the Creator. Teilhard de Chardin texts and thought are some inspiration keys in thinking about the cosmos and the nature in the Latin American theology.

Keywords:

Teilhard de Chardin: Latin America; Theology: creation; Ecology; Mystical: asceticism, communion, Universe.

O ano de 2015 marca uma data importante para aqueles – muitos! – que são admiradores incondicionais do grande jesuíta francês, cientista e místico, Pierre Teilhard de Chardin. Celebram-se neste ano os 60 anos de sua morte. No mundo inteiro preparam-se homenagens e a nossa gostaria de ser uma modesta nota que se somasse a esta sinfonia universal, bem ao gosto de Teilhard.

É inegavelmente fascinante a figura deste explorador do universo, que amava a matéria e nela contemplava a face do Criador e que por suas pesquisas ousadas e sua liberdade de pensamento esteve durante longo tempo, em vida, proibido de publicar seus escritos. Ao morrer, os mesmos vieram a público e hoje Teilhard é um dos mais respeitados pensadores cristãos, não sendo consideradas as suas obras perigo algum para a fé cristã. É mesmo livro de cabeceira e inspirador de papas e teólogos.²

Nossa proposta neste texto é fazer uma leitura da obra de Teilhard a partir da América latina e, nela, de uma situação bem concreta: o consumismo, característica da pós-modernidade, que se instalou aqui em nosso continente. Nossa premissa é que a fúria consumista em um contexto marcado pela pobreza dissociou ser humano e cosmos, homem e mulher e natureza, criando uma falta de sensibilidade para os sentidos humanos que chega a ser extremamente nociva para sua própria humanidade.

Em primeiro lugar, portanto, analisaremos esse *recesso dos sentidos* trazidos pela sociedade moderna e pós-moderna, procurando perceber como afeta os habitantes do mundo inteiro e não menos os da América Latina. Veremos como esse estado de coisas, afeta não somente a racionalidade, mas o desejo, pulsão mais profunda e humanizante do homem e da mulher. O consumismo entre outras coisas cria uma *cultura em recesso de desejo* e banaliza tudo aquilo que mais humaniza o ser humano,

² Por exemplo, o Papa Paulo VI e os teólogos Lenardo Boff, Ursula King, entre outros.

fazendo-o consumir sem cessar e torna-se sempre mais insensível àquilo que está à sua volta, seja a pobreza que padecem tantos, seja a negligência em relação ao cosmos e à terra, pondo em risco a vida e o futuro do planeta onde todos vivem.

Em seguida, examinaremos a mística bíblica como mística de comunhão com o universo, de sintonia com o criado, incluindo e colocando em comunicação ser humano e mundo, de maneira a que juntos reflitam a face do Criador. Procuraremos em seguida ver como Teilhard de Chardin se inscreve nessa mística de comunhão com o universo de maneira radical e profunda, fazendo com que a mesma passe a constituir o cerne de sua esplendida espiritualidade.

Finalmente, examinaremos alguns textos seletos de Teilhard, a fim de encontrarmos neles a inspiração para a teologia que hoje se faz em nosso continente. Embora Teilhard não tenha sido alguém com grande preocupação pelos pobres e embora estes não ocupem parte importante em seu pensamento e discurso, não se pode ignorar que seu pensamento sobre o cosmos e a natureza é uma contribuição preciosa para toda a reflexão teológica sobre a ecologia, que hoje se realiza no mundo inteiro, inclusive e de maneira forte e insistente, no continente latino-americano.³

Uma cultura em recesso de sentidos e de desejos.

A loucura consumista que hoje vivemos tem como contrapartida uma perda imensa, que leva a uma obsolescência de tudo que é vital e novo, inclusive os sentidos e o desejo.⁴ Nesse processo é levada adiante uma ascese que vai na contramão da *ascese* clássica das tradições religiosas. Trata-se de uma disciplina que aparece como a grande responsável por algo que corre o risco de configurar-se como a morte do desejo e da vitalidade.

A ascese da vida contemporânea, sendo Heisig, é uma caricatura da mais rígida ascese religiosa clássica. Sua prática é em grande parte inconsciente e isso a torna ainda mais perigosa.⁵ A intensidade do isolamento, a mortificação dos apetites e a frigidez dos sentidos exigidos daqueles que optam por viver no centro do mundo civilizado é melhor medida pela quantidade de sonolência a que essas coisas induzem do que por qualquer austeridade aflitiva destinada a manter o estado de alerta e de vigília da corporeidade. Longe do ideal de uma

³ V. sobre isso a obra mais recente de Leonardo Boff, de Ivone Gebara, Eduardo Cruz, entre outros.

⁴ Cf. sobre isso W. Cavanaugh, *Être consommé. Une critique chrétienne du consumerisme*. Paris: Editions de l'Homme Nouveau, 2007, esp. pp. 148-154.

⁵ Cf. J. W. Heisig, The recovery of the senses: against the asceticism of the age. In *Journal of Ecumenical Studies*, 33 (1996) pp. 216-237.

disciplina dos sacramentos, a ascese do cotidiano não é mais do que uma apresentação de rotina, um sinal exterior de uma aridez interior.⁶

⁶ Idem, p. 224.

Os sintomas identificados nessa situação são: a deterioração do diálogo entre as pessoas, já que o conteúdo e a forma deste diálogo são recebidos unilateralmente pela mídia do mercado e por ela metabolizados em sínteses não controladas; a repressão e o debilitamento da aprendizagem do amor por normas objetivas que não fazem jus a uma verdadeira e madura educação dos sentidos; a alimentação se torna cada vez mais insalubre, esterilizando o paladar da maioria; a vida intramuros, sedentária e confinada, em ambientes refrigerados ou aquecidos artificialmente, sem contato com a natureza, enfraquece o olfato e sua capacidade de alerta para os odores simples de naturais e liquefaz a vigilância do corpo para vibrar ao ritmo da mudança das estações.⁷ Ou ainda, como a música e o canto se identificam com os aparelhos mecânicos fabricados para reproduzi-los, o prazer da *performance* ao vivo se toma um luxo confiado ao cuidado de profissionais, para ser apreciado, novamente, apenas na medida em que se pode pagar o altíssimo prego dos espetáculos, acessível apenas a uma minoria.⁸

⁷ Ibidem.

⁸ Ibidem.

⁹ Cf. J. de VILHENA NOVAES, *As Doenças da Beleza*. Rio de Janeiro: Ed. PUC/Garamond, 2006. Confirma da mesma autora, mais recentemente, *Com que corpo eu vou?* Rio de Janeiro: Pallas, 2010. Rio de Janeiro. Ed. PUC/Garamond (2006).

O tato humano praticamente só entra em contato com coisas artificiais, tecidos, materiais de toda espécie, dessensibilizando-se em sua capacidade de identificar superfícies e texturas naturais. E até mesmo o corpo humano, sobretudo o feminino, não é mais natural devido a próteses, silicões e todos os outros *enxertos* a que se submetem as mulheres em nome de uma estética imposta e não livremente escolhida.⁹ De forma que, quando o homem toca o corpo da amada, não é apenas carne e pele que encontra, mas algum silicone, metal ou enxerto escondido que disfarça a verdadeira corporeidade com a qual deseja estar junto e dar prazer e gozo verdadeiros.

¹⁰ Cf. Simone Weil e sua experiência na fábrica. Ver S. WEIL. *Expérience de la vie d'usine*. In: A. A. DEVAUX e F. de LUSSY (ed.). *Oeuvres Complètes*. Tome II, Volume 3: *Écrits historiques e politiques*. Paris: Gallimard, 1991, p. 295.

As máquinas que economizara tempo ampliando a capacidade dos membros do corpo e dos órgãos lentamente amputam os rudimentos básicos de graça e ritmo de trabalho e – além de cada vez mais reduzirem os empregos para as pessoas que deles necessitam – redefinem-no como uma repetição que impede o pensamento e automatiza o corpo.¹⁰ A identificação do trabalho com o salário faz com que se percam as gratificações mais básicas do trabalho produtivo e criativo. Oprimido sob a necessidade de proporcionar a si mesmo e aos seus familiares a manu-

tenção das necessidades básicas da vida, o ser humano não consegue pensar nem criar. Transformado em máquina ele mesmo, seu corpo experimenta outras formas de reificação como um objeto de especialização.¹¹ Com efeito, a submissão ao trabalho do tempo quantificado e da exigência psíquica leva a uma renúncia obrigatória por parte do trabalhador individual.¹²

Os apetites, de tanto persistimos em saciá-los, vão ficando simplesmente anestesiados. Quanto mais o ritmo sobre-humano oprime, tanto mais o espírito se arrasta, dominado por uma espécie de sonambulismo. Tudo isso toma a pessoa por inteiro, e ela acaba por se tornar um estado de espírito, mais e antes que um estado de coisas.

Como diz James Heisig, a escolha contra a pobreza e a privado não precisa esperar pela reforma das estruturas sociais.¹³ Pode-se inaugurar uma revolução simples em busca de uma forma de vida igualmente simples e talvez mais satisfatoriamente humana. Uma vida mais simples necessariamente nos estimularia a usar mais os sentidos, e aliviaria boa parte da infelicidade em que parece constituir a vida pós-moderna, quando a depressão e a doença do século e o suicídio aumentam exponencialmente nos países em vias de desenvolvimento.¹⁴

Ao fazer essa opção, talvez nos surpreendamos com o estado de frigidez em que nos encontramos e como nossos sentidos estavam paralisados e embotados, incapazes de exercer-se e exercitar-se para realizar a única função que lhes é própria: sentir. Nossa sociedade parece anestesiada, parece haver desaprendido a sentir. Enquanto a ascese clássica ensinava a disciplinar um corpo que parecia querer sentir e gozar demais, agora talvez a ascese necessária seja aquela cujo objetivo consiste em reaprender a sentir e a gozar.¹⁵ Reaprender a ouvir os ruídos da natureza e a boa música; a ver a infinita gama de cores das árvores, dos pássaros e do mar, a sentir os odores do primeiro café da manhã, do azeite que esquenta na cozinha para preparar o alimento, da terra molhada depois da chuva; a degustar um pão puro, sem manteiga e que alimenta com seu básico trigo, a sorver com delícia um copo de água fresca em um dia de calor; a tocar no pelo do animal de estimação e sentir-lhe a maciez e, mais que tudo, tocar no corpo dos seres queridos com abraços, beijos, mãos entrelaçadas, sentindo a comunhão na carne que simboliza a do espírito.

De tudo isto, vemos que estamos em uma cultura em recessos de desejo. Dentre os muitos medos que invadem e

¹¹ Cf. *Ibidem*. Ver também o famoso filme de Charles Chaplin, *Tempos modernos*, em que o operário acaba identificando-se com a máquina de tal maneira que esta passa a ser sua verdadeira identidade.

¹² Cf. J. W. Heisig, *op. cit.*, p. 224.

¹³ *Idem*, p. 225.

¹⁴ Segundo a *Deutsche Welle*, a cada 35 segundos, uma pessoa comete suicídio. Apenas na Alemanha, há alguém se matando a cada 45 minutos. A cada dia, quarenta// *causas mortis* no mundo. Os índices de suicídio são maiores nos países industrializados, sendo que, proporcionalmente, o Leste Europeu possui a taxa mais alta, enquanto em números absolutos a China lidera as estatísticas. Cf. <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,605532,00.html>>. Acessado em 25/02/2011.

¹⁵ Cf. J. W. Heisig, *op. cit.*, p. 225.

¹⁶ Cf. J.-C. Guillebaud. *La tyrannie du plaisir*. Paris: Seuil, 1998, p.114.

¹⁷ Ibidem.

encham nossa cultura, talvez um dos maiores seja o medo diante da ameaça da extinção do desejo. Trata-se do medo de uma impotência feita de desinteresse progressivo, de um fracasso de potência e de capacidade de experimentar a dilatação interior – às vezes dolorosa, mas sempre exaltante – que o desejo provoca.¹⁶ Nossas sociedades tão agressivamente erotizadas, onde o erotismo, de tão propalado, banalizou-se e virou mercadoria barata, estão na verdade espicaçadas pela obsessão da ausência de desejo. E essa obsessão, que pareceria uma hiper-sexualização, na verdade é o contrário disso. Fala-se tanto de sexo que se encontra margem para suspeitar que não se exercita a sexualidade. O falar e o expor desenfreados do erotismo dão a impressão de querer conjurar e exorcizar o medo de um fracasso justamente na capacidade desejante.¹⁷

A Palavra criadora de Deus é, na Bíblia, elemento constitutivo da natureza na sua origem e atividade. E o cosmos, ou mundo criado, é fonte de sua revelação. É Deus que faz existir, dirá a Escritura. É Ele que chama as coisas de onde não são para que sejam. E o faz por sua palavra. Deus diz e aquilo é feito, do nada. E somente Ele é capaz de criar a partir do nada tudo que existe.

Deus cria, porém, colocando ordem no criado. Sua Palavra estrutura o caos. E dialoga com a criatura humana com intenso respeito. Tudo isto numa ausência absoluta de violência, numa espécie de doçura fundante, que será sustentáculo para o desenrolar de toda a pedagogia divina com o povo eleito e que nas Escrituras cristãs culminará no Sermão da Montanha, quando será proclamada a perfeição do Pai que faz brilhar seu sol sobre bons e maus e sua chuva sobre justos e injustos. Neste criar no tempo, *no princípio*, o relato bíblico não sonha em opor à eternidade de Deus a eternidade do mundo criado. Somente Deus é princípio e começo de tudo que existe; e o mundo vem depois, ainda que não se possa estabelecer datas cronológicas para essa posterioridade do criado. Esse *começo*, essa *origem sem origem* que só encontra sua fonte no mistério inefável que Jesus Cristo chamou de Pai é incompreensível sem um *fim*. Mas este fim, sem o qual o mundo perderia seu dinamismo, nos é radicalmente desconhecido. Este desconhecimento nos impede de buscá-lo entre os fenômenos deste mundo e mesmo nas diversas ciências.

O esforço que vem fazendo a teologia cristã, nos últimos tempos, para debruçar-se sobre a problemática da ecologia e da relação do ser humano com a totalidade da

Criação denota uma tomada de consciência. O que está em jogo na questão ecológica é muito mais que um novo tema a ser refletido e trabalhado. Está em jogo o futuro mesmo das relações homem-natureza-Deus, ou seja, o futuro da vida sobre a terra e do próprio conceito de Deus que é central para o cristianismo: Deus Pai, autor da vida, criador e salvador.

Resgatar a relação harmônica entre ser humano e cosmos exorciza a suspeita de uma concepção de humanidade equivocadamente individualista, aliada a um determinismo econômico e tecnológico onipotentes; a visão do homem separado da natureza, vendo nesta uma inimiga a ser conquistada e destruída impunemente em nome de um equivocado progresso; a luta do homem pela vida transformada em ameaçador instinto de morte que pesa sobre todas as outras formas de vida. O risco disso é banir da vida a noção tão presente para os antigos de ver o cosmos como uma epifania, ou seja, como a manifestação de um mistério, que pede reverência e respeito para quem dele se aproxima.

Contemplar o mistério do cosmos, porém, não é distração ética, feita apenas de lazer e tranquilidade estéticas, mas despertar da preocupação ética primeira, que consiste em dar ou restituir ao homem e à mulher despossuídos e espoliados o cosmos que é seu lugar. E essa restituição se dá sob a forma da matéria à qual o ser humano tem um direito assegurado pelo próprio Deus. Toma, então, a forma da *devolução* do pão ao faminto, do teto ao desabrigado, da água ao sedento, etc., não sendo isso nada mais que restituir um pedaço do cosmos àquele ou àquela que dele foi desprovido. Esse gesto ético restituidor é, dentro da lógica cristã, o gesto redentor e salvador primeiro e fundamental.

Lugar da ética e do agir moral, a criação é, no entanto, também lugar do patético, do padecido, da vulnerabilidade afetada. Se algo há a restituir, esse algo é sintoma de perda, de carência, de sofrimento pela necessidade agredida. E essa perda inscreve necessariamente no cosmos a marca do *pathos*. A utilização desordenada dos recursos da natureza faz sofrer tanto ao ser humano como à própria natureza, conclamando, portanto, à solidariedade, à partilha, à reconciliação na sua dimensão maior. Lugar de experiência da paternidade divina, o cosmos é então não apenas interpelação ética, mas também receptividade que prova e é provada, espaço de paixão e compaixão.

A relação com a natureza não é, portanto, coisa idílica e impassivelmente fruída com puro gozo. Mas integra luta, conflito, não sendo à toa que os povos originários da América Latina chamam à terra de mãe, *Pachamama*. Já na Bíblia, no Antigo e Novo Testamentos, essa relação de amor e luta com a natureza e o cosmos se apresentam como constitutivas da experiência do povo de Israel e da primeira Igreja. Juntamente com a mística ativa e transformadora, pragmática mesmo da história da religião de Israel, existe uma outra dimensão da mística que é a contemplação do universo e a constatação maravilhada da diafania que todas as coisas tornam habitadas pelo Espírito de Deus. Teilhard de Chardin encarnou e viveu essas duas vertentes místicas.

A mística bíblica enfatiza o compromisso de Deus com o povo, e com pessoas históricas: Abraão, Isaac, Jacó, os profetas, etc. Ao lado desta mística do compromisso ético, porque Deus se encontra na ação justa e na relação amorosa para com os outros, existe também uma mística da contemplação. O universo todo foi criado por Deus. Os seres humanos (homem e mulher) são lugares-tenentes de Deus, representantes divinos em seu ser e em seu agir. Em tudo podemos contemplar a marca registrada de Deus impressa nas criaturas e na realidade espiritual e corporal do ser humano. Tal saborear a Deus na obra da criação e no trabalho humano permite a louvação e a exaltação da alma que vibra e se entusiasma.

O Novo Testamento prolonga e radicaliza a mesma linha da experiência de Deus na história. Afirma que Deus entrou totalmente na realidade humana, pois se humanizou no judeu Jesus de Nazaré. A partir de agora, o lugar de encontro de Deus será preferentemente na vida humana, particularmente, na vida dos crucificados. Esse Deus não se encarnou na figura do César em seu trono, nem do Sumo sacerdote em seu altar, nem do Sábio em sua cátedra, mas na figura dos oprimidos e excluídos que acabam fora da cidade e crucificados. O mistério transcendente que se encarnou se encontra crucificado. Grita na cruz por vida e quer ressuscitar.¹⁸

Há ainda uma outra vertente mística no Novo Testamento. Ela é claramente contemplativa. Ela afirma que tanto o Filho que se encarnou, quanto o Espírito, tem a ver com o mistério da criação. Eles estão aí presentes, fermentando o processo de ascensão rumo ao Reino da Trindade. Eles como que recapitularam em si e no ser humano o universo e lhe dão orientação segura de que convergirá numa síntese bem-aventurada. Ele também participará da ressurreição de toda

¹⁸ Cf. L. BOFF, Sentido cristão de mistério e mística. In http://www.hunani-versidade.com.br/boletins/sentido_cristao_misterio_mistica.html. Acessado em 9/11/2014.

a carne. Por isso há futuro para as estrelas, para as montanhas, para as plantas, animais e povos.

Se a mística do seguimento é histórica e das mãos abertas para a ação, a mística crística e espiritual é dos olhos abertos e cósmica. Ela procura a unidade em todas as diferenças, na medida em que um fio divino perpassa o universo, a consciência e ação humana para uni-los para frente e para cima, na perspectiva da suprema síntese com Deus, Ômega da evolução e da criação. Esta mística da unidade e união é bem testemunhada pela vertente vigorosa que vem dos Padres gregos (Gregório de Nissa e Gregório Nazianzeno), passa pela tradição platônica - agostiniana, chega em S. Boaventura com o seu admirável *Itinerário* da mente para dentro de Deus, depois culmina com S. João da Cruz (*Subida ao Monte Carmelo*) e com Santa Teresa D'Ávila (*Castelo e suas Moradas*) até desembocar nos ardentes textos místicos de Teilhard de Chardin.¹⁹

¹⁹ Cf. Idem.

Teilhard de Chardin: um místico em comunhão com o universo

Uma das figuras mais luminosas da mística no século XX foi o jesuíta Teilhard de Chardin (1881-1955). Trata-se de alguém que viveu apaixonadamente o seu tempo, abraçando com grande intensidade a experiência do Real, com toda a riqueza de sua materialidade. Dizia em carta à sua amiga, Léontine Zanta, em outubro de 1926:

Parece que a Humanidade não voltará a apaixonar-se por Deus antes que Este lhe seja mostrado no termo dum movimento que prolongue o nosso culto pelo Real concreto, em vez de a ele nos arrancar. Ah!, como o Real seria formidavelmente poderoso para nos arrebatar ao nosso egoísmo, se soubéssemos olhá-lo na sua prodigiosa grandeza!²⁰

Toda a sua vida foi tocada por dois grandes amores: o Mundo e Deus. Não conseguia vislumbrar outro caminho de acesso a Deus senão através de uma fé apaixonada pelo Mundo. Ali vislumbrava o toque da diafania de Deus. Dizia num trecho de sua clássica *Missa sobre o Mundo*:

Pleno da seiva do Mundo, subo para o Espírito que me sorri para além de toda conquista, vestido com o esplendor concreto do Universo e eu não saberia dizer, perdido no mistério da Carne divina, qual é a mais radiosa dessas duas bem-

²⁰ P. T. de CHARDIN, *Cartas a Léontine Zanta*. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967, p. 91.

-aventuras: ter encontrado o Verbo para dominar a Matéria, ou possuir a Matéria para alcançar e submeter-me à luz de Deus.²¹

²¹ P. T. de CHARDIN, *Hino do Universo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 29.

²² Por exemplo, a primeira doutora em letras da França, e jornalista Léontine Zanta que manteve com ele viva amizade. Feminista entusiasta, era estimulada nisso por Teilhard, que desde a China lhe escrevia cartas encorajadoras com as pequenas vitórias de sua amiga e das Equipes Sociais Femininas das quais essa participava: *Você tem razão de ver nelas um triunfo, de fato, para o Feminismo! É se impondo assim que as mulheres farão seu espaço na sociedade*. Cf. P. T. de CHARDIN, *Lettres à Léontine Zanta*, Paris: Desclée de Brauwert, 1992, p. 68.

Outro traço singular de sua visão mística é a presença do feminino. Trata-se de um dos fios essenciais na dinâmica de todo o seu crescimento espiritual. É o primeiro a reconhecer a singularidade dessa *atmosfera* na conformação de sua visão unitiva, enquanto luz irradiadora de todo o processo de concentração universal. O seu processo vital e reflexivo foi tecido pela presença desse olhar e influxo femininos. Eram não poucas suas amigas mulheres, entre as quais algumas primas, parentes e outras amigas e confidentes.²² Todas, sem exceção, tiveram enorme importância em sua vida, mística e pensamento.

Teilhard de Chardin nasceu em maio de 1881 num pequeno vilarejo de Sarcenet, na região francesa de Puy-de-Dôme. Seus pais tiveram onze filhos, sendo ele o quarto de uma numerosa família. Seu pai, Emmanuel Teilhard de Chardin, era agricultor erudito, muito interessado na observação da natureza. Foi dele que Pierre herdou seu amor pelas pedras, plantas e animais. Sua grande *atração pela Matéria* vem da infância. Desde cedo vinha atraído por aquilo que *cintilava no coração da Matéria*. De sua mãe, Berthe-Adèle de Dompierre d'Hornoy, herdou a centelha da devoção cristã.

O itinerário de vida desse grande místico cristão pode ser dividido em quatro etapas ou fases. A primeira envolve os anos de sua formação, marcadamente tradicional. Passa pela formação jesuíta no colégio de Mongré, entrando em seguida na Companhia de Jesus (1899) e ordenando-se sacerdote em agosto de 1911. Podem-se perceber vivos traços da espiritualidade jesuítica na cosmovisão de Teilhard, de modo particular a percepção da presença e diafania de Deus no mundo. A segunda fase cobre sua experiência na guerra, podendo-se situar entre os anos de 1914 e 1918. Foram anos fecundos para o seu amadurecimento pessoal, e ali nasceram suas primeiras intuições, firmando-se as bases de sua reflexão futura. Conforme Henri de Lubac, foi nesse período, nas noites de solidão e na retaguarda das linhas de batalha, que ele pode refletir e rezar longamente, entregando-se à Presença de Deus. Uma terceira fase cobre os anos parisienses e as expedições subsequentes, situando-se entre os anos de 1919 a 1923, ganhando depois sequência até o início da Segunda Guerra Mundial. Esse é o momento de sua formação científica em paleontologia

e geologia em Paris, coroado com a sua defesa doutoral em ciência, no ano de 1922. Chegou, na ocasião, a ser convidado para lecionar geologia no Instituto Católico de Paris. Nesse período surgem os primeiros conflitos com as autoridades da Igreja Católica e da Companhia de Jesus, que não estavam preparadas para acolher a novidade de seu pensamento. Por decisão de seus superiores é enviado à China para lá dar continuidade às suas pesquisas científicas. A primeira viagem ocorreu em 1923, sendo precursora de outras tantas. Vai praticamente fixar residência na China até 1945. Esse país torna-se para ele sua *segunda pátria*, e ali desenvolve não só suas reflexões científicas, mas também suas grandes intuições espirituais e teológicas, quando então acontece o *pleno amadurecimento de suas ideias*. Foi a grande *sorte* de sua vida, reconheceu mais tarde, favorecendo a ampliação de seu pensamento e sua elevação à escala planetária. Duas importantes obras de Teilhard foram redigidas neste período: *O meio divino* (1926-1927) e *O fenômeno humano* (1938-1940). Estas e outras obras de Teilhard não tiveram autorização para publicação, o que só vejo a ocorrer depois de sua morte, quando então se deu início à edição dos treze volumes de sua obra completa. A última fase de sua vida cobre o período que vai do final da Segunda Guerra, em 1945, até sua morte, ocorrida em Nova York, na Páscoa de 1955. É um período marcado por grande fecundidade intelectual, mas também pontuado por muitas tensões e sofrimentos, motivados pela resistência e oposição às suas ideias.

No entanto, se sofridos foram seus anos de maturidade, seus anos póstumos assistiram ao que se pode denominar com razão o protagonismo histórico de Teilhard de Chardin na Igreja e no mundo intelectual do pós-guerra. A irradiação da sua personalidade, a novidade e audácia das suas ideias, os vastos horizontes por elas abertos, sobretudo, a um pensamento católico ainda em parte paralisado pelos traumas da crise modernista, situaram Teilhard no próprio centro do grande confronto entre mundo cristão e mundo moderno, que então caminhava para atingir seu clímax nos anos que precederam o Concílio Vaticano II. Esse protagonismo histórico de Teilhard receberá uma confinação fulgurante nos anos que se seguiram imediatamente à sua morte quando, como uma torrente represada e enfim livre, sua obra conhecerá uma difusão mundial, caracterizando um dos mais impressionantes fenômenos editoriais do século XX.²⁵

²⁵ Cf. H. C. de LIMA VAZ, Teilhard de Chardin e a questão de Deus, in Revista MAGIS de Fé e Cultura, 12 (1996) p. 3.

Fenômeno realmente extraordinário esse em que, em ritmo impressionantemente rápido, *todos os escritos de Teilhard confiados à sua legatária, M.lle Jeanne Mortier, e depositados na Fondation Teilhard de Chardin de Paris, são entregues ao público (13 volumes das Oeuvres Completes, 10 volumes de correspondência, 11 volumes de escritos estritamente científicos): textos doutrinários e científicos, fragmentos de diário, escritos íntimos, correspondência, tudo encontra leitores ávidos, muitos são traduzidos em diversas línguas, dando origem a uma imensa bibliografia, sem dúvida de valor desigual, mas que, na história da Companhia de Jesus, só encontra - paralelo na bibliografia sobre Início de Loyola.*²⁴

²⁴ Ibidem.

Dentre a larga produção de Teilhard podem ser destacadas importantes obras de síntese, como *O meio divino*, *O fenômeno humano* e *O grupo zoológico humano*. Há também os artigos científicos de geologia e paleontologia, como igualmente os ensaios envolvendo questões filosóficas, científicas, teológicas e espirituais. Podem também ser lembrados seus escritos íntimos e a larga correspondência. O extraordinário epistolário de Teilhard com amigos e confidentes, entre os quais Auguste Valensin, Léontine Zanta, Lucile Swan e Henri de Lubac, constitui fundamental porta de entrada para o acesso ao pensamento do místico francês.

Ele foi, no interior da Igreja Católica e da Companhia de Jesus, um dos primeiros pensadores a intuir e explicitar as extraordinárias implicações científicas, filosóficas e teológicas do evolucionismo biológico e da perspectiva evolutiva do universo. Com efeito, a passagem de um universo estático e completo a um universo dinâmico e aberto, não podia deixar de ser intuído por ele como um autêntico terremoto, uma vertigem que começara alguns séculos antes, no Renascimento e especialmente com Galileu. Os teólogos envolvidos no caso Galileu não intuíram as transformações drásticas a que o heliocentrismo obrigaria no que se refere à concepção de Deus, do Universo, da Vida. Tão drásticas eram essas transformações, que Teilhard acredita que os teólogos da Igreja Católica ficaram literalmente paralisados pelo medo, e mostraram-se incapazes de aceitar o enorme desafio que se lhe colocava²⁵:

Admiramo-nos ou sorrimos da perturbação da Igreja posta pela primeira vez diante do sistema de Galileu. Na realidade, os teólogos de então sentiam de modo perfeitamente acertado. Com o fim do Geocentrismo, é o ponto de vis-

²⁵ Cf. A. DINIS, Implicações teológicas do evolucionismo biológico de Teilhard de Chardin, in http://www.braga.ucp.pt/resources/documents/FACFIL/implicações_teologicas_chardin_def.doc. Acessado em 9/11/2014.

ta evolucionista que entra em cena. (...). No fundo, desde logo, toda a teoria genesíaca da Queda recebia um germe de alteração; e só hoje começamos a avaliar a profundidade das mudanças que, a partir de então, estavam virtualmente consumadas.²⁶

Teilhard de Chardin foi um grande precursor da espiritualidade terrena e cósmica, que vê na terra, no cosmos, na natureza a fonte da revelação e a diafania de Deus. A experiência da matéria foi para ele essencial, condição e caminho para o acesso ao Meio Divino. Dizia com vigor: *Tempera-te na Matéria, Filho da Terra, banha-te em tuas dobras ardentes, pois ela é a fonte e a juventude da tua vida.*²⁷ Sua grande máxima era: *ir ao Céu através da Terra*. Foi toda uma vida em defesa dessa mística vital, numa luta permanente contra o espiritualismo extraterreno e desenraizado. Entendia que a verdadeira compreensão do humano passa pela *solidariedade com a terra*.

Na raiz dessa solidariedade terrenal pulsa uma viva espiritualidade. É no influxo da graça, como salientou Henrique Cláudio de Lima Vaz, que Teilhard encontrou o segredo essencial para sua cosmovisão profética e sua resistência contra as forças de oposição. Seria extremamente difícil compreender com acerto o seu pensamento excluindo essa dimensão da sua vida. Passou por períodos fortes de angústia, e mesmo por crises de *antieclesiasticismo*, superadas pela vitalidade de sua fé no Espírito e no toque ardente do Meio Divino. O segredo de sua resistência estava em sua vida espiritual. Estava certo de que o seu trabalho tinha uma motivação maior, que era divina, para além de seu exercício pessoal. E sempre movido por um otimismo imarcescível, pontuado pela esperança nos humanos e no seu tempo.

O legado de Teilhard de Chardin hoje

Uma das principais contribuições de Teilhard hoje em dia, na era pós-metafísica e mesmo pós-teísta em que vivemos, é sem dúvida a reconciliação entre fé e ciência. Toda a sua vida e o seu trabalho caminharam no sentido de responder à grande pergunta que inquieta o ser humano moderno e pós-moderno: é possível pensar Deus, crer em Deus, aceitar Deus e agir à luz de Sua existência em um mundo que pretende haver chegado ao termo do processo ateuísta, liquidando de vez a herança teísta e o legado da fé de muitas gerações?

²⁶ T. de CHARDIN, Queda, redenção e geocentrismo (1920). In P. T. de CHARDIN, *A Minha Fé. A Matéria e Deus*, Lisboa: Ed. Notícias, 2000, p. 46, nota 1.

²⁷ P. T. de CHARDIN, *Hino do Universo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 67.

Tal foi o *leitmotiv* da extraordinária aventura teórica e humana vivida por Teilhard de Chardin e só poderemos captar o seu sentido profundo se nos situarmos no centro irradiador do seu pensamento, que é justamente a questão de Deus. O chamado *desencantamento do mundo* que é na verdade *desencantamento do cosmos visível*, com o avanço das ciências e a autonomia da técnica, vai tornando sempre mais propício o terreno para a invalidação da ideia de Deus. A ciência torna-se ateia, assim como a técnica, e isso passa a ser o pressuposto metodológico indiscutível, sobretudo, no que diz respeito a três questões: o problema das origens que inclui as três diferenciações cósmicas do universo, da vida e do ser humano; o problema da ordem do universo, cuja solução postula a auto diferenciação estrutural dos níveis da realidade físico-biológica; o problema da finalidade, conceito tido como metafísico, substituído pelo postulado de *desdobrar-se aleatório do universo*.²⁸

²⁸ H. C. de LIMA VAZ, op. cit., p. 9.

Teilhard, homem de fé e consagrado pelos votos religiosos, terá de enfrentar com sua mente brilhante e seu coração crente o desafio dramático do ateísmo da cultura em que viveu, sobretudo, na forma para ele a mais desafiadora, que era o ateísmo da ciência. Ele experimentará o choque desse ateísmo e desse secularismo no campo do saber científico, onde a herança de um cientificismo do século XIX terá relegado a questão de Deus ao arquivo das questões excluídas do âmbito da ciência.²⁹ Na verdade ele empreenderá um enorme e ousado esforço a fim de elaborar uma fenomenologia do universo científico aberta à transcendência de um Deus pessoal pensado como Ponto Ômega.³⁰

²⁹ Idem, 12.

³⁰ Ibidem.

Em sua formação de jesuíta, Teilhard foi formado na escola dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio e nas Constituições da Companhia de Jesus. Além disso, a teologia e a mística de Paulo de Tarso, do *ser em Cristo* e do Cristo cósmico se tornaram o centro de sua visão teológica e espiritual.³¹ Seguindo as pegadas de Santo Inácio, Teilhard entenderá o cosmos visível como livro aberto com linguagem a ser decifrada por quem o contempla.

³¹ Idem, p. 15.

Seu pensamento – indissociável de sua mística – tem uma visão cósmica holística, sem deixar de ser analítica e propõe a necessidade de deixar de lado uma visão estática do universo para adotar uma visão evolutiva e não estática. Assim, um universo em evolução rumo ao Ponto Ômega, pensa-o como ao mesmo tempo imanente e absolutamente transcendente. A terra, o cosmos e a natureza estão, portanto, prenhes da presença divina, são o meio divino por excelência.

Teilhard dará então, a partir daí, o salto para a teologia, procurando, a partir dessa sua visão central, repensar e reformular alguns dos conceitos fundamentais da tradição teológico-dogmática cristã. E ele o faz fiel à convicção de que há que haver profundas transformações hermenêuticas quando se realiza a transição de um cosmos estático para um cosmos evolutivo.³²

Um mundo em perpétuo movimento, uma terra que pula e geme desejando evoluir em direção ao ponto Ômega, uma matéria dotada de vida que carrega em seu bojo a possibilidade do acesso a Deus são contribuições preciosas para a teologia cristã hoje. Inclusive e muito especialmente a teologia latino-americana.

Conclusão: o Deus libertador de Teilhard de Chardin

A reflexão científica, filosófica e teológica de Teilhard de Chardin, revela um Deus que, sem deixar de preocupar-se com a justiça devida aos pobres, com a pluralidade cultural e religiosa que alerta para que a teologia esteja sempre aberta ao diálogo e com a explosão carismática que domina as igrejas históricas dando conta de um afetivo por muito tempo represado, revela o seu rosto cósmico e sua afinidade indissolúvel com a vida.

Assim, trata-se de uma mística e um pensamento que podem ajudar uma cultura consumista e em recesso de desejo, que perdeu o caminho para que se dê o contato profundo e consolador dos sentidos humanos com o cosmos, que não consegue mais comunicar-se com a natureza e as pessoas, mas apenas com máquinas. O Deus de Teilhard de Chardin é um Deus vivo e que dá vida e que pode ser encontrado na matéria viva criada, encontrada no cosmos, na terra, na natureza.

O Deus que a experiência mística e o pensamento de Teilhard de Chardin revelam coincide harmoniosamente com o que a Escritura chama de Deus da vida. Assim, a grandeza e o valor infinito de cada pessoa humana, temas tão caros à teologia latino-americana encontra nesse Deus da vida teilhardiano uma legitimação de ressonâncias cósmicas e universais, pois demonstra que apenas assim a evolução pode ser refletida e ir em direção ao Ponto Ômega tomando em conta não apenas seus aspectos antropocêntricos, mas também suas dimensões cósmicas e terrenais.

Toda a ampliação do leque de prioridades da Teologia da Libertação, que dilatou se em direção a campos tais como a

³² O padre Vaz, em seu texto por nós citado supra, (p. 23) afirma que foi em torno dessas extra-polações teológicas de Teilhard que se feriram as mais acirradas discussões sobre seu pensamento. E remete à obra *La pensée religieuse de Teilhard de Chardin*, de Henri de Lubac, que se tornou uma referência obrigatória nessas discussões, ao demonstrar convincentemente a fidelidade de Teilhard à tradição doutrinal cristã e estabelecer os critérios para uma exegese correta do seu pensamento teológico.

ecologia, o gênero, a raça e a etnia encontra na mística e na teologia de Teilhard uma contribuição preciosa para não se deter nesse avanço e nesse alargamento de sua visão e seu estatuto de inteligência da fé. Que o sexagésimo aniversário da morte deste grande místico e pensador cristão seja uma *boa ocasião para responder a este desafio.*